

# FORMAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: DESAFIOS PARA O PERFIL PROFISSIONAL DE LETRAS

Evanildes Teixeira da Silva (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira

## 1 INTRODUÇÃO

De início, é importante sinalizar que essa pesquisa que tem o título provisório “Formação em políticas públicas culturais: desafios para o perfil profissional de Letras” surge a partir da pesquisa de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em que foi problematizado a cultura literária das egressas de Letras da UNEB/Campus II e seus desdobramentos na prática docente. Observou-se que o curso em questão tem avançado muito em suas atribuições, formando um profissional consciente do fazer pedagógico literário que instaura novos significados na superfície do texto literário, contudo supomos que se houver uma formação cultural mais consistente ele pode avançar ainda mais em suas atribuições.

Se a escola ainda se mantém fechada para a comunidade e questões culturais, se o descaso com o cultural na escola torna-se cada vez mais acentuado, se os egressos de Letras não sabem como lidar com as literaturas e mercados alternativos culturais e com a relação entre a política de Estado (políticas culturais) e a escola, pode-se desconfiar que esteja lhe faltando uma formação cultural mais abrangente para que possam construir, junto com a comunidade, um *front* cultural democrático que crie meios alternativos para fazer circular as produções literárias que ficam a margem da escola (inclusive as produções dos/as alunos/as, professores/as).

Nesse sentido, surge a seguinte problemática: de que formação cultural e política os Cursos de Letras precisam para ampliar o seu raio de atuação no campo das Letras e da cultura? Esse questionamento se desdobra em outros: seria a formação cultural e política a partir do literário e/ou de políticas públicas culturais, um fator fundamental para o desenvolvimento de um profissional de Letras bem instrumentalizado para lidar com as políticas culturais? Os estudantes de Letras estão sendo bem preparados para lidar com as políticas públicas para a leitura, literatura, o livro, a biblioteca, no contexto da institucionalização da malha cultural? Como trabalhar com a literatura e a cultura para que o estudante domine bem a noção de modos de produção cultural?

Partimos, portanto, da hipótese de que seria a formação em políticas públicas culturais um diferencial nos Cursos de Letras para fazer emergir novas práticas literárias e culturais na sala de aula e/ou fora dela, diante das mudanças na política cultural do Estado. Mas será que se trata apenas de

redimensionar os currículos de Letras para ter um profissional bem instrumentalizado para lidar com o cultural e o literário?

Segundo Marisa Lajolo (2013), os cursos de Letras na tentativa de resolver sua crise buscam a substituição e inclusão de disciplinas, na expectativa de oferecer aos egressos os “instrumentos necessários a um exercício mais eficiente do magistério de primeiro e segundo graus”. Contudo, afirma a autora que “A questão não é curricular. É estrutural. Nasce e desemboca na forma de inserção do curso de Letras na sociedade brasileira contemporânea”. Isso revela a complexidade que há na configuração dos cursos de Letras do país, o que requer também investigar o lugar dos cursos de Letras nas políticas científicas e do Estado.

Desse modo, apresentarei nesse “paper” uma imagem do projeto de pesquisa e das minhas inquietações após o estudo da disciplina: “Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural” do Mestrado em Crítica Cultural, que tem mobilizado noções teóricas que suscitam mais questões em torno da problemática da pesquisa.

## **2 CURSOS DE LETRAS: “UMA QUESTÃO ESTRUTURAL”**

A linguagem é a maior invenção da humanidade. Todas as relações sociais e suas descobertas científicas, tecnológicas, só foram possíveis graças à capacidade humana de comunicar suas ideias, pensamentos, sentimentos e ações. Logo, os profissionais que lidam com a linguagem têm um campo vasto de atuação e prática teórica. Nossas relações não estão estagnadas, prontas e acabadas, pois somos produtores culturais, e diante das novas provocações do século XXI e das políticas culturais emergentes do país, faz-se necessário investigar acerca dos avanços e novos desafios que surgem na formação literária e cultural dos estudantes de Letras, inclusive as possibilidades ou não de ampliação do campo de atuação desses profissionais.

Sabe-se que no século XX, as descobertas linguísticas de Saussure do signo, associação entre o significante (imagem acústica e gráfica) e significado (conceito) e a sua arbitrariedade, um sistema linguístico estrutural, renovou o método de análise das demais ciências para se conhecer a natureza dos fatos. São vários os domínios que exploram o método estruturalista de maneiras diversas. Em Deleuze (1972) vimos dentre os critérios para se reconhecer o estruturalismo que o fator de diferenciador possibilita descobrir a natureza simbólica, que, por sua vez, não se reduz nem ao real e nem ao imaginário.

Então como identificar a “natureza simbólica” do curso de Letras? Que outra série epistemológica e profissional é possível criar nesses cursos para romper com as séries de

dominação? O autor mostra que o estudo estrutural na lógica da “casa vazia” encontra sempre condição para o movimento, o deslocamento de um lugar para outro, o que permite uma dobra, ou melhor, a criação de outra série.

Marisa Lajolo (2013) alerta que não há nos cursos de Letras configurações simples, estes passam por dilacerações entre “ser ou não ser”, pois existem as dicotomias que enredam a sua trajetória: formação de professor versus formação de pesquisador; estudos linguísticos versus estudos literários. Ao situar que os cursos de Letras no país foram implantados na década de trinta (8 décadas), aponta o descaso e o atraso do país no que tange ao estudo da cultura da linguagem. É um curso não só herdeiro das contradições dos estudos de “letras”, como disciplinas em currículos de outros cursos, mas também dos “despejos linguísticos e culturais” da colonização.

Silviano Santiago (2004) demonstra novos ares em Letras no contexto histórico pós-64 para quebrar a dicotomia entre a crítica literária versus crítica cultural. No final da década de 70 e início dos anos 80, a noção de Literatura que estava presa nos estudos estruturalistas, formalismo russo e nas *belles lettres* é desestabilizada. A literatura se torna uma dentre outras artes e as culturas que ficavam a margens da literatura passam a ganhar espaço na academia brasileira. Desse modo, evidencia o autor que não se trata mais de opor linguagem e sociedade, crítica literária e crítica cultural.

Conforme Moreira (2010) é essencial articular educação e cultura no sentido de criar nas escolas públicas um lugar permanente de debate e de agitação cultural. Ele ainda propõe um novo perfil profissiográfico dos estudantes dos cursos de Letras, Ciências Humanas e de Ciências Sociais Aplicadas de modo que as disciplinas Política Cultural, Gestão Cultural, Produção Cultural, dentre outras, façam parte da sua formação. Para que possam atuar também no campo da cultura diante da institucionalização da malha cultural no país.

Mas será que a formação cultural dos estudantes no que tange as literaturas e direitos culturais precisa da inserção de novas disciplinas como propõe Moreira? Os profissionais de Letras têm atuado com as questões que mobilizaram nas suas pesquisas discentes? De que formação cultural e política os discentes de Letras precisam para dinamizar suas práticas com o cultural e o literário? Os cursos de Letras tem estudado a relação entre a literatura e mercados alternativos culturais, literatura e tecnologia, literatura e sua relação com as políticas de Estado? Como o curso de Letras pode ou tem contribuído para a democratização cultural e reparação dos direitos culturais?

Entende-se por metafísica uma forma de pensar o mundo que pauta-se na essência das coisas, ou seja, num sentido transcendental, que por sua vez é reforçado secularmente, ampliando as desigualdades sociais e colocando sempre uma coisa em detrimento do outro. Derrida (2001)

reconhece que é difícil escapar do pensamento metafísico. Dessa maneira, busca através do descentramento a substituição do termo do centro para outro, invertendo a hierarquização de um sistema de oposições binárias do pensamento ocidental.

Conforme Derrida, “o *grama* como *différance* é, pois, uma estrutura e um movimento que não se deixam mais pensar a partir da oposição presença/ausência”. Uma vez que a diferença por ser um ponto não fixo abala as oposições binárias. Como nos diz o autor, “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos rastros de diferenças, do espaçamento, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros”. (ibidem, p. 33) Assim, torna possível o jogo dos descentramentos porque não se deixa reconduzir. Ao funcionar como um arquiconceito a *diferença* é composta de outros conceitos que implica no dentro e no fora, isto é, o centro pode estar em qualquer lugar e depois se horizontalizar.

Nessa perspectiva, o que poderíamos opor para fazer emergir outra coisa e horizontalizá-la no campo das Letras? Já vimos que não se trata mais de criar dicotomias linguístico/literário, pesquisador/professor, crítica literária/crítica cultural. Seria a oposição instituição/Letras ou Estado/Culturas linguísticas e literárias? Esse jogo das diferenças não pretende fazer emergir outro polo de dominação, mas abalar a dominação daquilo que tem impedido a potência de funcionar. A noção de *diferença*, de deslocamento, que abala a dominação do centro traz para cena às margens e nos permite pensar em outras possibilidades e alternativas para fazer emergir aquilo que estava sendo excluído.

São muitas as vozes excluídas da nossa sociedade brasileira, as minorias étnicas raciais, de gênero, sociais, dentre outras vozes silenciadas, inclusive, suas produções culturais e artísticas são escamoteadas. Essas noções teóricas nos faz perceber que é possível provocar abalos sísmicos nas práticas hegemônicas e logocêntricas, para que aquilo que estava de fora venha ocupar o seu espaço na sociedade, diminuindo as desigualdades e preconceitos sociais, ressignificando as nossas relações sociais e econômicas. Por exemplo, as vozes silenciadas (dos negro/a, ameríndios, pobres, homossexuais etc.) têm entrado no curso de Letras da UNEB de Alagoinhas nas pesquisas de docentes e discentes. Mas, de que modo esses estudos tem se desdobrado na prática pedagógica e cultural desses profissionais e nas suas comunidades? O que tem escapado na formação cultural dos estudantes de Letras? O que tem sido deixado de lado?

Se a questão da crise dos cursos de Letras no país não se trata meramente de redimensionar disciplinas, mas de também problematizar a estrutura dos cursos, sua “natureza simbólica”, então que procedimentos metodológicos utilizar?

### 3 MÉTODO EM MAPAS

Em *Rizoma* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), temos uma estratégia metodológica rizomática que se caracteriza principalmente por “não ter começo nem fim”, pois atua pelo meio, “não há centro e nem periferia” e “possui estruturas de passagens” concebidas apenas de desvios e atalhos. O rizoma consiste em linhas de fugas que mudam de natureza, se metamorfoseia, e não se deixa reconduzir nem ao múltiplo e nem tampouco ao uno (metafísica). Desse modo, o rizoma não é decalque de conceitos, nem tampouco objeto de reprodução. Trata-se de um mapa aberto, que está sempre se desmontando, plenamente reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas.

O método rizomático se torna importante porque não permite cair na armadilha da dicotomia. Ele constrói uma espécie de mapas de localidades, tonando-se um campo aberto para experimentação. Por exemplo, na prática esse conceito nos ajuda a entender o funcionamento do texto, do mundo e das coisas. Nunca se deixa reconduzir ao uno, a totalidade, a lógica ocidental. Portanto, um conceito altamente produtivo porque mobiliza nossa visão periférica sobre as coisas, bem como a nossa capacidade de reagir ao inesperado.

Em suma, para os autores, o rizoma é um “sistema aberto”, para o qual atua como criações de redes. Essa noção nos faz circular por outros territórios, mobilizando conceitos de domínios diferentes e, assim, construir pensamentos que se desenvolvem a partir de multiplicidades. O que não tem relação alguma com as limitações discursivas das ciências que se esgotam em si mesmas, no fechamento do seu campo disciplinar. Sendo um método experimental, imprevisível e que permite sempre novos começos.

Carlos Guinsburg (1990) discute o método a partir do paradigma indiciário, diante do irracionalismo do século XIX e XX. Esse método consiste em passar do conhecido para o desconhecido, trazendo para cena aquilo que foi negligenciado. Trata-se de seguir os sintomas como no caso de Freud, indícios na perspectiva do personagem Sherlock Homes, e os signos pictóricos a partir de Morelli. Esse método interpretativo tem como foco os dados marginais, os vestígios, os resíduos, os quais permitem apreender uma realidade mais profunda. Esse estudo nos permite perceber que o pesquisador precisa de certas qualidades como faro, golpe de vista, intuição, um espírito investigativo e muita atenção para os sinais laterais, pois são nos resíduos que se encontram a chave para a compreensão das nossas relações humanas.

Desse modo, foi fundamental essa revisão teórica porque a Crítica Cultural, a qual se configura a partir dos textos elencados, dentre outros, não pretende ser uma ciência burguesa, desvinculada da realidade social, mas uma “ciência menor” que seja ao mesmo tempo prática teórica e ação direta. Por certo, os teóricos aqui mobilizados, apesar de suas nuances divergentes, nos permitem

entender que as convicções, as totalizações, a fixação dos conhecimentos são “cárceres”. Elas não só aprisionam a nossa “vontade de potência”, mas negligenciam as outras culturas, destroem as minorias sociais, subjulgam os corpos e mantém as assimetrias sociais e econômicas.

É válido explicitar que o método em mapas é completamente o oposto do decalque que aprisiona a produção do conhecimento. Ele implica numa experimentação a partir do real, o que nos leva a questionar primeiro a representação da realidade, para atingi-la em sua profundidade. Através de Derrida, por exemplo, vimos a relevância de opor um conceito ao outro. Já em Deleuze vimos que não se trata mais de fazer a dialetização, mas de por em movimento o conceito, no sentido de abrir conexões entre os campos, tendo como princípio o mapa, o qual é sempre remontável. Assim, me proponho a pensar em um método de trabalho que seja como um mapa, isto é, um campo aberto de experimentação e político.

Vejamos um breve rascunho desse mapa, que logo será desmontado:

Identificação das minhas marcas profundas no inconsciente;

Utilização do esquema/roteiro de estudo: o que discute? Argumentos? Referências? Estratégias metodológicas? Conclusão?

Criação de um sistema de atalhos e desvios para superar as dificuldades epistemológicas;

Não criar um mapa geral, mas conjuntos de mapas sempre remontáveis;

Transitar entre conceitos e campos, sem cair na armadilha da fetichização;

Levantamento de documentos, currículos, ementas, cartas e documentos pessoais (que tratem dos cursos de Letras e formação cultural);

Montagem de uma pasta com pesquisas sobre os cursos de Letras, formação cultural e políticas públicas culturais (Banco de tese da Capes);

Rastreamento dos trabalhos mais significativos dos estudantes e egressos de Letras, buscando identificar as brechas, os resíduos, as pistas deixadas que possibilite identificar a formação cultural do curso;

Aplicação de questionário para os/as egressos/as de Letras da UNEB/II para saber se mobilizam a pesquisa de TCC na prática discente;

Verificação junto aos estudantes, docentes e egressos de Letras da UNEB de Alagoinhas se há ou não atividades correlatas ao campo das Letras que poderiam integrar-se ao perfil desses profissionais, ampliando a sua área de atuação.

Articulação da “engenhosidade do signo” na obra *O Castelo dos Destinos Cruzados*, de Ítalo Calvino, como noção conceitual para questionar a noção de literatura dos ministérios (MinC e MEC);

Buscar sempre expandir o método: pistas, dados marginais, leitura de rodapé;

Sempre avaliar como estou pensando, pois na zona do conforto é impossível avançar.

Manter o sistema aberto...

#### **4 CONSIDERAÇÕES...**

Gostaria ainda de dizer que imaginamos outro modelo de escola/universidade que seja espaço de invenção. Uma escola/universidade que não se deixe reconduzir ao uno (metafísica), mas que ampliem suas redes com trocas de saberes acadêmicos e populares. Essa instituição que pensamos não está dissociada da comunidade. Ela está comprometida com todo o fazer cultural da sociedade: dimensão simbólica, cidadã e econômica.

O Plano Nacional de Cultura – PNC possui 53 metas para serem atingidas até 2020, dentre elas 23 de certa forma dizem respeito às políticas públicas culturais para o livro, a leitura, a literatura, a biblioteca. Por exemplo, a meta 20 diz respeito a “média de 4 livros lidos fora do aprendizado formal por ano, por cada brasileiro”; meta 22 espera “o aumento em 30% no número de municípios brasileiros com grupos em atividade nas áreas de teatro, dança, circo, música, artes visuais, literatura e artesanato”; e a meta 32 almeja que “100% dos municípios brasileiros com ao menos uma biblioteca pública em funcionamento”.

Mas o que pode acontecer se a sociedade civil não participar dos processos de implementação dessas políticas? Conforme Marilena Chauí (2009), as pessoas precisam inteirar-se sobre a responsabilidade do Estado e da sua participação na construção de uma cidadania cultural. É preciso entender que a democracia se realiza a partir da prática de participação. Isso implica numa formação cultural e política mais abrangente, inclusive, e de forma diferenciada, à escola e demais instituições de ensino para que todos se tornem agentes de mobilização cultural. De que modo o Estado está capacitando às pessoas para lidarem com as políticas culturais? Os cursos de Letras têm se aberto mais para discutir políticas públicas? De que formação cultural e política os estudantes de Letras precisam para saber como lidar com as políticas de editais, preenchimento de formulários, projetos culturais, enfim, a gestão cultural? É possível pensar em ampliar o campo de atuação dos profissionais de Letras para que possam atuar no campo cultural?

Como se podem notar, nesse primeiro semestre do Mestrado em Crítica Cultural, as minhas questões sobre o fazer cultural dos cursos de Letras se multiplicaram. Não sei se a inserção de disciplinas sobre políticas públicas culturais pode oferecer aos estudantes instrumentos para que possam atuar em novos campos de trabalhos com o cultural. Também não sei o que há na estrutura dos cursos de Letras que impede que ele avance mais em suas atribuições científicas e culturais. Só sei que o curso de Letras pode muito! A “tecnologia do signo”, a máquina literária, como nos diz Deleuze, é um “campo aberto para a pesquisa” e, acrescento, para a intervenção política e cultural.

## REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 7-37.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *O Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, (s/d).
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 143-179.
- LAJOLO, Marisa. *No jardim das Letras, o pomo da discórdia*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html>> Acesso: 2 jun. 2013.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano Nacional de Cultura*. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc->](http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc-) Acesso: 5 jul. 2013.
- MOREIRA, Osmar. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB/ Quarteto, 2010.
- SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.